

Sé Velha de Coimbra

A SÉ VELHA ergue-se, desde há oito séculos, no local onde os conimbricenses decidiram levantar o seu principal templo. sendo de aceitar que, sob o seu chão, repousam os cimentos de igrejas mais antigas, uma das quais foi levantada, no início do século XII, pelo Conde D. Henrique. A primeira pedra da construção afonsina foi lançada em 1162 e deveu-se à acção do Bispo D. Miguel Salomão, iniciando-se o culto regular. em 1184.

O projecto do templo é da autoria de Mestre Roberto que, já trinta anos antes, construíra a igreja de Santa Cruz. Então, esse arquitecto de origem francesa vivia em Lisboa, e veio a Coimbra quatro vezes, para fiscalizar as obras e ver se o seu plano era correctamente posto em prática pelos homens que trabalhavam sob a direcção local de Mestre Bernardo, certamente também ele francês. A partir de 1172, o estaleiro coimbrão teve à frente Soeiro, por motivo da morte de Bernardo.

Até 1772, o templo serviu de Sé Episcopal, ano da transferência dessa dignidade para a igreja do extinto Colégio de Jesus. A partir de 1816, passou a desempenhar as funções de sede de paróquia.

O seu estilo integra-se no românico coimbrão da segunda fase, a que chamamos vulgarmente "afonsino", por coincidir com o reinado do nosso primeiro Rei, D. Afonso Henriques. O plano testemunha o bom nível do seu autor, que foi influenciado pelas igrejas de peregrinação do Caminho de Santiago, que certamente percorreu, quando da viagem desde a sua pátria, pelo centro da França.

O exterior é de forma paralelipipédica, o que lhe confere um ar de grande robustez. A porta tem um excelente traçado, no qual a decoração desempenha papel preponderante, e onde se vislumbram claras influências islâmicas. O grande janelão colocado sobre esta porta tem a mesma estrutura, embora menor desenvolvimento. O coroamento geral é feito por ameias.



Na fachada lateral esquerda, abrem-se outras duas portas. A primeira é a famosa Porta Especiosa, que data da década de trinta do século XVI e é uma das mais importantes obras de João de Ruão. O seu tipo é o dos grandes arcos triunfais da renascença italiana; divide-se em três zonas, em altura, patenteando o autor o completo domínio não só dos cânones arquitectónicos, mas também da decoração quatrocentista italiana. O medalhão da Senhora com o Menino é a mais bela das esculturas portuguesas do renascimento. Foi uma das grandes empresas artísticas do magnífico prelado D. Jorge de Almeida.

A segunda porta é a dedicada a Santa Clara e fica no exterior do topo do transepto. Estilisticamente segue o tipo da Porta Especiosa mas é mais simples. A degradação a que chegou não permite tirar conclusões seguras acerca da sua possível autoria, mas ainda assim, é possível apontar, uma vez mais, para João de Ruão.

O plano interior da igreja organiza-se do seguinte modo: três naves de largura e altura desiguais, sendo a central a de maiores dimensões; o corpo dividido em cinco tramos; a nave principal coberta por uma forte abóbada de berço e as secundárias por abóbadas de arestas; cruzeiro com uma torre-lanterna gótica, com a sua cúpula externa modificada no século XVIII. Sobre as naves laterais, existe uma larga galeria, que se continua no transepto por outra mais estreita e meramente de passagem.

O retábulo principal, de excepcionais dimensões para o nosso país e para a época em que foi feito, é de madeira dourada e policromada, executado pelos escultores flamengos Olivier de Gand e Jean de Ypres, nos anos seguintes a 1498; julgamos que foi o primeiro retábulo de marcenaria a ocupar toda a ábside construído em Portugal.

O absidiolo do lado direito foi reformado no século XVI, para albergar a Capela do Santíssimo Sacramento. É coberta por uma elegante cúpula de cartelas, e no seu retábulo figuram as estátuas de Cristo e de dez dos Apóstolos, no plano superior, e dos quatro Evangelistas, da Virgem e de outro santo, no inferior, que engloba ainda

o sacrário. Esta obra foi executada por João de Ruão, em 1566, e é a mais importante da sua última fase de trabalho.

A capela foi encomendada pelo Bispo D. João Soares, um dos representantes portugueses no Concílio de Trento, o que justifica que ela seja uma verdadeira manifestação do espírito contra-reformista. O estilo, quer arquitectónico quer decorativo, é o maneirista, sendo o das figuras o típico da fase romanista da arte de Quinhentos. Cristo, os Apóstolos e os Evangelistas estão esculpidos em atitude semelhante à que teriam os cardeais, durante uma reunião do Conclave: Cristo é o Sumo Pontífice que preside e dita a própria doutrina; os padres conciliares, aqui os Apóstolos, ouvem e acatam as palavras divinas, enquanto outros, nomeadamente os Evangelistas, confrontam os seus escritos.

(...) O claustro catedralício foi o primeiro edifício a ser construído em estilo gótico, em Portugal, depois da igreja cisterciense do Mosteiro de Alcobaça. As obras iniciaram-se em 1218, durante o reinado de D. Afonso II, que as custeou quase completamente. Um dos seus principais motivos de interesse é a decoração dos capitéis, aproximada da que viria a ser típica no apogeu do estilo, já com acentuado naturalismo.

Na capela logo após a entrada, está um retábulo maneirista, dos meados do século XVI, e atribuível a um seguidor de João de Ruão.

Há várias outras capelas no claustro, das quais destacamos as duas maiores: a de Santa Maria, da transição dos séculos XIII e XIV, de três tramos, e onde se pode ver o antigo cruzeiro da Capela do Arnado, de meados do século XVI; o tramo médio foi alterado no início do século XVI. A segunda é a de Santa Catarina, também gótica mas já do século XIII, de dois tramos mas de maior altura que a anterior.

Fonte: Pedro Dias, Coimbra, Guia para uma visita, Coimbra, 2002, pp. 73-77